

Sobre Fronteiras: Memórias de uma Cidade Piauiense¹

Nívea RIBEIRO²

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O trabalho tem como objetivo relacionar relatos orais e familiares à história da cidade de Fronteiras, no sudeste do Piauí, além de investigar a relação entre membros de uma família e as fotografias antigas dela. Com as recordações pessoais, o webdocumentário tenta reconstruir a história da cidade e compor um cenário que, mesmo comum a outras cidades nordestinas, tem suas peculiaridades. Por meio de fotografias de família, imagens atuais, e com suporte teórico de autores que escreveram sobre fotografia e história, o projeto pretende mostrar um pouco das pessoas, da cidade e se conectar às experiências pessoais e lembranças de quem acessa. O webdocumentário pode ser acessado em <http://fronteirasdoc.com>.

PALAVRAS-CHAVE: memória, história, Nordeste, fotografia, álbum de família, webdocumentário.

1 INTRODUÇÃO

“Sobre Fronteiras”³ é um webdocumentário que intercala vídeos, pequenos textos e fotografias e se propõe a recompor parte da história do município de Fronteiras, no estado do Piauí, por meio de depoimentos de pessoas que lá viveram ou ainda vivem e de fotografias antigas.

A 406 quilômetros da capital, Teresina, Fronteiras é muito próxima dos estados do Ceará e do Pernambuco, tem 79 anos de emancipação e cerca de 11.368 habitantes vindos de várias partes do Nordeste (dados de 2013 estimados pelo IBGE). Com a instalação de uma fábrica de cimento, a Itapissuma S/A, em 2001, a renda da cidade aumentou muito na última década, e o PIB per capita da cidade já chegou a ser o maior do estado, atingindo R\$ 17.135 em 2011 (dados do IBGE). Mas ela foi selecionada por razões pessoais: minhas famílias, tanto a materna quanto a paterna, vêm daquela região, inclusive se misturando mais de uma vez. A história passada oralmente pelos meus parentes mais velhos e o interesse em descobrir mais sobre a história do lugar me motivaram a seguir adiante com o projeto. Esses familiares, distantes ou próximos, são as pessoas que aparecem nos vídeos do webdocumentário, e são as memórias afetivas deles que me ajudam a criar uma imagem atual da cidade e do que ela foi no passado.

Fronteiras, com um nome um tanto quanto representativo, é um local onde houve bastante mistura entre pessoas vindas de diversos estados do Nordeste, e que sempre manteve relações próximas com as cidades vizinhas, Pio IX (PI), Araripina (PE) e Campos Sales (CE). Como muitos outros “interiores”, há uma igreja matriz, uma barragem, seca, feira do sábado e conversas na calçada ao entardecer. Mesmo com essas características comuns, que podem ser representativas de muitas outras pequenas cidades nordestinas, Fronteiras tem singularidades, assim como a vida de cada entrevistado. A cidade, no fim das contas, é um personagem com voz própria. Delinear esse traço particular e, ao mesmo

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade Produção audiovisual para mídias digitais

² Aluna líder do grupo e graduada em Comunicação Social - Jornalismo, email: niveabribeiro@gmail.com

³ O trabalho pode ser visto em <http://fronteirasdoc.com>.

tempo, geral, é um dos esforços do webdocumentário, dado por meio da mistura de depoimentos sentimentais e relatos factuais acerca de fatos importantes para o desenvolvimento da cidade.

2 OBJETIVO

2.1. Objetivo geral

- Estudar a relação entre a história oral e a história de um local: analisar como se dá a formação de registros, o caráter documental das fotografias familiares e compor, a partir de três eixos centrais, um retrato da cidade e das pessoas que viram e ouviram falar da fundação e desenvolvimento dela.

2.2. Objetivos específicos

- Elaboração de um webdocumentário com diversos recursos audiovisuais que deixem o site mais interativo e atraente para os visitantes. Intercalar fotos antigas digitalizadas, imagens e vídeos atuais, áudio, mapa e música;
- Disponibilizar informações sobre a cidade de Fronteiras na Internet, tanto para os moradores da cidade, quanto para pessoas que procuram por conteúdo sobre o sertão;
- Ajudar a manter vivas recordações e a história da cidade de maneira o mais ampla possível, sem necessidade de presença física ou exibição.

3 JUSTIFICATIVA

Desde que cheguei em Brasília, em março de 2011, passei a me ver de outra forma. Ser piauiense, para mim, não era elemento relevante da minha personalidade: nunca gostei de forró, participei de danças típicas na escola só até quando não me obrigaram mais, nunca tive coragem de comer buchada ou sarapatel. As fotos de Patativa do Assaré e discos de Luiz Gonzaga espalhados pela casa não eram ignorados, mas também não tiveram minha atenção. Toda a minha família mora no Nordeste e de lá não saí durante os primeiros dezenove anos, então estranhamento e preconceito eram coisas das quais só ouvia falar pela televisão ou pela Internet. Apesar de não me identificar com a imagem “padrão” de brasileiro que gosta de praia e samba, sentia-me como alguém que nasce em qualquer outro estado, com algumas particularidades, mas não parte de um grupo estereotipado. Precisei sair para ter um choque de realidade. “Onde fica seu estado no mapa?” e “você nem parece nordestino” passaram a fazer parte da minha rotina, fora opiniões xenófobas. Em um lugar construído por nordestinos, onde se fala “oxe” a todo instante, não esperava ser vista com surpresa — ou, pior, com pena — mas me enganei. Dos muitos nordestinos que aqui conheci, babás, funcionários públicos, cobradores e estudantes da UnB, as vivências foram, em geral, as mesmas que as minhas.

De repente, notei que, além de mim, também sou a moça que “fala engraçado, acho que é de Recife”, mesmo que meu sotaque seja bem diferente do pernambucano e que eu tenha nascido a léguas do mar. Comecei a me identificar como alguém que explica, a todo tempo e sem poder ser grossa, que o Nordeste não é só Bahia e Pernambuco, que nordestino não é preguiçoso, folgado ou engraçado como a novela mostra, que tem gente que não passa fome, tem gente que não fala igual a mim, tem gente baixa, alta, cabeça chata ou não e que não necessariamente estamos sempre paramentados com gibão de couro e peixeira. Somos

muitos, somos distintos, mas temos algo em comum, assim como os outros estados e regiões do país (esses sendo invenções recentes, espaços geográficos determinados artificialmente no início do século XX).

Inicialmente, não imaginei que o projeto tivesse algo a ver com essa insatisfação pessoal. Era apenas uma forma de conhecer mais minhas raízes e poder ter contato com história e fotografia, dois de meus interesses ao entrar no Jornalismo. A decisão para seguir com o tema foi tomada, definitivamente, quando assisti ao documentário “Câmara Viajante”, de 2007, dirigido e roteirizado pelo cineasta Joe Pimentel, com apoio do pesquisador Titus Riedl, professor da Universidade Regional do Cariri. O filme, em vinte minutos, conseguiu me emocionar e me fazer admirar mais os profissionais que registram os fiéis que vão a cidades de Juazeiro do Norte e Canindé, ambas no Ceará, visitadas anualmente por milhares de devotos de Padre Cícero. Como nordestina, senti que aquelas imagens faziam parte, de alguma forma, do meu imaginário e história, por mais que nunca tivesse visto aqueles romeiros e profissionais.

A partir dessa reflexão, defini quais os aspectos que gostaria de tratar no webdocumentário e o que guiaria as entrevistas. Pensei que gostaria de trabalhar um espaço em que o sertão se representasse, livre de estereótipos e opiniões externas. Mas providências práticas tiveram que ser tomadas, devido à restrição de tempo e espaço. Alguns aspectos relevantes foram escolhidos, como a fábrica, o açude, a forma como o sertanejo lida com a seca, a importância das relações interpessoais em uma cidade interiorana e as mudanças trazidas pelo desenvolvimento.

Com essa restrição, surgiu a preocupação de não corroborar os estereótipos, em geral negativos, que se tem do Nordeste e dos sertanejos. Para isso, contei com a instrução da obra “A invenção do Nordeste e outras artes”, tese de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2006), defendida em 1994 para o doutoramento em História na Universidade Estadual de Campinas. Na tese, o autor expõe de maneira forte o que pensa de algumas características escolhidas para representar a região, como a miséria, a seca e a servilidade do sertanejo. Segundo o autor, a escolha de aspectos negativos para representar a região é uma ferramenta do mecanismo de inferiorização utilizado para desqualificar o nordestino, para tratá-lo como ser digno de nojo ou pena.

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou de fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a esse sistema de forças e dele construtivo. O próprio nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente. (...) Tentar superar este discursos, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram esse Nordeste e estes nordestinos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p 21)

Ao mesmo tempo em que me preocupei em não ignorar fatos acerca de Fronteiras, como as estiagens comuns na região e a vegetação típica do semi-árido, quis mostrar tanto agruras quanto progresso de forma não estereotipada e sempre ressaltando a dignidade e protagonismo de quem conta a história.

Já o formato, foi escolhido para o trabalho por uma série de razões. Primeiramente porque ele permite que o projeto saia do âmbito acadêmico ou dependa de exibição e distribuição, atingindo o local que irei abordar de forma relativamente simples. Se há interesse, conexão à Internet e o endereço do site, o público está em contato com o projeto. O site permite que os espectadores vejam o produto em um tempo próprio, parando quando quiserem, seguindo a ordem que lhes aprouver — mesmo que um caminho de navegação tenha sido definido para apresentar melhor a cidade, os personagens e as relações de causa e efeito.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O desenvolvimento do trabalho deve muito aos estudos do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1950), que expõe conceitos relacionados à lembrança, narrativa familiar e história contemporânea. Tive contato com o autor em uma disciplina introdutória do departamento de História da UnB, e, já pensando em fazer um trabalho em Fronteiras, a obra me ajudou a definir melhor o campo em que trabalharia. Simultaneamente, durante a disciplina Pré-projeto em Jornalismo, ministrada pela professora Dione Moura, comecei a escrever as ideias iniciais. No pré-projeto, eu defini que trataria de fotografia familiar e registros históricos, sem abordar necessariamente minha família.

Segundo Halbwachs (1950), uma família que viveu muito tempo em uma mesma cidade forma, junto com os amigos próximos, uma sociedade complexa, e para reconhecer lembranças familiares como registros se deve fazer parte de ambos (1990, p 63). Esse argumento, junto a motivos práticos, ajudou à restrição das fontes a pessoas da família. Ao mesmo tempo, tentei me distanciar o suficiente para fazer uma análise historiográfica do que colhi e do que seria mostrado com a edição dos depoimentos. A partir disso, escolhi quatro áreas relacionadas que serviriam como arcabouço teórico para o trabalho ou seriam mencionadas diretamente: a importância da história oral; a relação entre fotografia, tempo e trajetória familiar; o processo de reconstrução da história e o papel do documentário dentro desse exercício de recriação de realidades passadas.

4.1. História oral

O trabalho da historiadora Verena Alberti (1990) contribuiu para a preparação para as entrevistas, para a análise de aspectos técnicos acerca dos depoimentos orais e para a catalogação do material. Além das recomendações práticas dadas ao longo do livro, a autora explicita, ainda na introdução, a importância das recordações para processos de reconstrução histórica. Para ela, a história oral por levar o fazer historiográfico além de datas, provas e documentos escritos, dando importância também às pessoas que presenciaram o passado. Desde o início, recompor a história de Fronteiras fazendo uma “colcha de retalhos” das memórias foi um dos intentos do projeto, e essa preocupação foi levada em consideração, em especial, na fase de edição dos depoimentos. Juntos, eles deveriam não apenas formar uma imagem da cidade e da história dela para o espectador, mas, ao mesmo tempo, de quem são as pessoas que falam e da minha família.

4.2. Fotografia e tempo

A fotografia, além da história oral, é outro meio de se registrar a história e recompor o passado. A ensaísta norte-americana Susan Sontag (1977) foi crucial para o desenvolvimento do tema com a obra "Ensaio sobre a fotografia". O conceito de que a fotografia é “*memento mori*”, ou seja, lembrança de que somos todos mortais, fica evidente

com a análise de álbuns de família, em que várias gerações que não se encontraram no tempo são agrupadas e perpetuadas. No caso da fotografia mortuária, tratada na última parte do documentário, a mortalidade e o pouco controle que temos sobre o tempo é literal. “Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo.” (2011, p 26). Outro autor que fortaleceu esses questionamentos sobre imagética, mortalidade e história foi o filósofo alemão Walter Benjamin (1987), referência nos estudos sobre da área com a "Pequena história da fotografia" e diversos outros trabalhos.

Há, na fotografia familiar, um forte sentimento de construção não apenas do passado, mas de afirmação da existência das gerações recentes. No trabalho, esse aspecto é tratado, de maneira discreta, em uma das fotografias disponíveis na última parte. Analisando alguns monóculos antigos, encontrei uma fotografia de uma tia que faleceu ainda na adolescência, antes de meu nascimento. Vi aproximadamente três fotos dela em todos esses anos, e sei pouco sobre o aspecto físico e a breve vida, mas dela herdei o nome.

4.3. Reconstrução da história

A noção de tempo cíclico, aquele que se repete ao longo das gerações, é problematizada na obra do historiador francês Marc Bloch (2002), no livro “Apologia da história”, em parte escrito antes da morte, em 1944, e reorganizado pelo filho, Étienne Bloch. Oposta à noção de tempo cíclico, está a de tempo histórico, que necessita de um recorte — mas sempre consciente de que o tempo nunca para ou se repete. Por meio da junção dos fatos narrados pelos personagens foi feita a tentativa de reconstrução histórica, com foco nos aspectos considerados relevantes para a cidade, mas sem atenção excessiva a detalhes como datas precisas, muitas vezes deixados de lado naturalmente pela memória.

4.4. O documentário e o real

Muitas vezes tidos como retrato exato e imparcial da realidade e do passado, os documentários são uma ferramenta bastante utilizada pela historiografia. O historiador e teórico norte americano Bill Nichols (2008), na obra “Introdução ao documentário”, escreve não apenas uma teoria extensa sobre filmes documentais, mas sobre a existência da perspectiva e de direcionamento nessas obras. De acordo com Nichols (2008), o documentário se diferencia de uma simples filmagem exatamente por conter direcionamento, uma reprodução específica repleta de argumentos do cineasta, por mais que o gênero esteja no campo da não ficção: "Mesmo que a voz do filme adote a aparência de testemunha acrílica, imparcial, desinteressada ou objetiva, ela dá uma opinião sobre o mundo." (2008, p 79)

No ensaio "O documentário como chave para a nossa memória afetiva", publicado na Revista Intercom, o professor doutor Cassio dos Santos Tomaim (2009) trabalha com os conceitos criados por Nichols (2008) para refletir sobre o acesso à memória por meio do documentário. O autor reitera a importância da voz para o documentário, colocando-o em posição ativa, e não de mero espectadora do real, e ressalta a importância de alguns artificios cinematográficos, como a adição de fotografias e imagens de arquivo para esse processo, método utilizado no webdocumentário. Tomaim (2009) faz uma análise de algumas obras de não ficção que foram marcantes pelas vozes, pelos pontos de vista e também pelos silêncios dos entrevistados, que tanto podem comunicar em uma fala. No webdocumentário, optei por não interromper e deixar explícita a falta de palavras diante da nostalgia ou insatisfação, por exemplo. Essas escolhas ajudam a transpassar a veracidade dos fatos narrados pelos entrevistados, sem necessidade de sempre estar ligado a uma fotografia, documento ou outra evidência imagética.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Antes da viagem, em agosto e setembro de 2014, trabalhei a parte teórica do projeto, aumentando as referências utilizadas para definir as perguntas que seriam feitas nas entrevistas e me guiar durante a análise das fotografias e depoimentos colhidos. Depois, veio a execução do projeto, com a realização de entrevistas semi-estruturadas com as fontes e elaboração do webdocumentário.

5.1. Viagem

O primeiro passo tomado foi decidir quem seriam os entrevistados. Estipulei um máximo de oito pessoas que pudessem falar sobre a cidade antigamente, sobre a fábrica e a barragem, e que tivessem fotografias de família que pudéssemos analisar e inserir nos vídeos. A organização da viagem foi feita alguns meses antes, para compra de passagens e para assegurar que eu não precisasse retornar ao Piauí, devido ao alto custo. O equipamento, uma DSLR Canon T3i, foi cedido por minha tia Rachel Barral, e o microfone de lapela Sony utilizado é da própria Faculdade de Comunicação da UnB — escolha tomada devido à instrução de André Ribeiro, aluno da graduação em audiovisual da UnB. Assim, meus gastos com equipamento foram apenas algumas pilhas e um cabo específico para o microfone.

Assim que cheguei a Teresina, no dia 17 de setembro de 2014, comecei a fazer as entrevistas que podia, com Tia Elza e Dr. Edgar, e digitalizar as fotografias antigas cedidas. Em Fronteiras, o cronograma era ainda mais rígido, já que só passaria alguns dias na cidade. Eu, meu pai, e minhas tias Elza e Fífia saímos de Teresina na sexta à tarde, em carro particular, e chegamos a Fronteiras à noite, em cerca de 7h de viagem. Acordávamos às 6h30 e as entrevistas, já acertadas anteriormente por telefone, seguiam uma espécie de roteiro: queria que os personagens dessem depoimentos livres, mas também que me respondessem algumas questões centrais sobre a cidade, que serviram para dar liga aos clipes e facilitaram a edição. Analisei as fotografias antigas de cada um antes das entrevistas, registrei-as com a câmera fotográfica, já que não levei o escâner para a viagem, e separei algumas que achava interessantes para que eles comentassem durante as gravações. Captei o máximo de imagens que pude, o que resultou em aproximadamente 3 horas de vídeo e 450 fotografias. Novamente em Teresina, fiz a última entrevista, com Tio Irênio, e retornei a Brasília no dia 24 de setembro.

Em cada entrevista, foquei em algum ponto que o personagem pudesse ser eloquente, tivesse recordações que fossem enriquecer o documentário. Doutor Edgar Pereira, muito influente na cidade, foi a primeira pessoa com quem conversei. Ele contou com detalhes a fundação da fábrica, da qual participou, e dos primórdios da cidade, que pesquisou acerca. Médico de formação e historiador por vocação, ele publicou alguns livros sobre o início e o desenvolvimento de Fronteiras (em uma das fotos da parte três, *As memórias*, ele assina uma das obras para mim), e conversou comigo durante horas sobre os temas, ainda em Teresina. Depois, entrevistei Tia Elza (Maria Teresa Ribeiro), uma das irmãs mais velhas de meu pai. Ela guarda muitas fotos e, com elas, nostalgia da infância e adolescência em Fronteiras. Como ela diz, já mora há muitos anos em Teresina e não sente saudade do lugar, mas do que aconteceu lá no passado, algo que considere interessante para o webdocumentário.

Em Fronteiras, o primeiro entrevistado foi Tio Seri (Francisco Bezerra), marido de Tia Detinha (Hilda Ribeiro), também irmã de meu pai. Tio Seri, agricultor e poeta, é uma pessoa que, para mim, personifica o sertão, unindo o sentimento ao trabalho cotidiano. Sabia que a entrevista com ele renderia bastante material sobre o sertanejo, sobre a seca e também poesias espontâneas, com um palavreado bastante peculiar dos poetas nordestinos. Já Tia Detinha possuía, segundo Tia Elza, mais fotos da família. De fato, com ela encontrei fotos que nunca havia visto dos meus avós e dos meus tios. Ao contrário de Tia Elza, Tia Detinha voltou para Fronteiras após os estudos, e quis evidenciar o sentimento atual em relação à cidade.

Depois, entrevistei Dona Vilma Pereira, pela relação um pouco diferente com a fotografia. Diferente de minhas tias, que só tiravam fotos em ocasiões pontuais, ela possuía máquina e fotografava momentos caseiros, passeios e do dia-a-dia dos filhos. Sabia que ela guardava muitas fotos com cuidado, mas a entrevista rendeu mais do que planejei. A fala espontânea sobre a tristeza que sente quando pensa que, após a morte, as fotos irão se perder, é uma das minhas partes favoritas do trabalho. Chico Eládio (Eládio Pereira), amigo de meu pai, aparece em uma foto de infância junto a ele e a um dos filhos de Dona Vilma nos anos 1970. Ele trabalha na fábrica de cimento e explicou, de forma simples, o processo de fabricação do produto, que eu não compreendia bem. Como não pude entrar na fábrica para fotografar, ele ainda me ajudou com as imagens de acervo que aparecem na segunda parte, muito importantes para o documentário.

Tia Prefeita (Josefina Pereira), de 92 anos, é tia de Doutor Edgar. Todos na cidade a conhecem e a respeitam pela alegria, hospitalidade e respostas rápidas. Ela não possuía muitas fotos, como diz, muitas se perderam e passaram para outros membros da família, mas fui surpreendida ao encontrar a foto do enterro de uma das filhas, Maria de Jesus, que morreu de câncer aos sete anos na década de 1940. Fiquei receosa em abordar o tema, mas meu pai, que a conhece melhor, me aconselhou a seguir adiante. Mesmo após tantos anos, as lembranças que ela teve ao ver a foto fluíram e ela se emocionou ao falar da filha, mas sem tabus ou estranhamento em relação àquele tipo de fotografia — segundo ela, as fotos de velórios e entes falecidos eram comuns. A memória de Tia Prefeita ainda é muito viva e ela explicou algo que eu não sabia sobre nossa família, do casamento entre os três irmãos Pereira e as três irmãs Ribeiro, que gerou nossa ligação.

Por fim, novamente em Teresina, entrevistei Tio Irênio, marido de Tia Elza e profundo conhecedor do Piauí. A infância perto do avô, funcionário do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e o trabalho na prefeitura de diversas cidades, junto a uma memória fotográfica, fez com que ele pudesse traçar, sem grandes complicações, um panorama completo de Fronteiras, incluindo o êxodo, a barragem e a fábrica. Foi difícil escolher quais partes dessa entrevista seriam utilizadas, pois ela foi toda muito elucidativa e didática.

5.2. Edição do material audiovisual

Ainda no Piauí, comecei a solucionar alguns problemas relacionados à resolução dos vídeos. A opção mais leve oferecida pela câmera era em alta definição, 720p, a 60 quadros por segundo — velocidade desnecessária já que os vídeos seriam colocados na Internet. Reduzi todo o material captado a 24 quadros por segundo, até para conseguir editar os vídeos em meu computador pessoal sem grandes impedimentos. Depois, vieram alguns problemas com o som, corrigidos no Adobe Audition, novamente com a ajuda do aluno André Ribeiro. A edição dos vídeos foi feita inteiramente no programa Adobe Premiere,

sem auxílio de outros softwares. Algumas imagens de cobertura, feitas sem tripé, tiveram que ser estabilizadas, enquanto as de depoimentos precisaram de ajustes simples na luz e no enquadramento. As fotografias e digitalizações, após passarem por uma triagem, foram editadas nos programas Adobe Lightroom e Adobe Photoshop.

Após esse processo, fiz um esquema de como desejava que fosse cada uma das seções do site, com os respectivos vídeos. O esqueleto inicial mudou muito após o término do projeto, mas foi de grande utilidade ao longo da edição. Limitei o tempo de cada vídeo a um máximo de cinco minutos, e cada seção do site não deveria ter mais do que quinze minutos — imposição essa que foi desrespeitada na segunda parte, *As barreiras*. A partir disso, selecionei, entrevista por entrevista, o que considerava mais importante e enriquecedor aos temas que deveriam ser tratados, e agrupei utilizando diferentes critérios. Em alguns, uma palavra apenas resume o tema escolhido, em outros, há uma sequência de fatos em ordem cronológica. A opção de intercalar ao máximo os fatos, datas e marcos aos depoimentos mais sensíveis, de caráter emotivo, foi um esforço consciente e decidido antes mesmo da edição. O processo de montagem e concatenação de ideias, sendo econômica na hora de dissecar os depoimentos foi, sem sombra de dúvidas, o maior desafio que assumi com o webdocumentário.

5.3. Criação da página

O site, de acordo com os planos, deveria ser feito do zero. Segundo o cronograma definido antes da viagem, eu deveria começar a trabalhar com ele ainda em setembro, após a captação, mas analisei algumas possibilidades antes disso, como a rede social Exposure, voltada para exposição de trabalhos fotográficos, e a ferramenta Wordpress, que oferecia um template de \$75 dólares exatamente como desejava, fora domínio e hospedagem. Com a ajuda de Antonio Martino, aluno de Ciência da Computação da Universidade de Brasília, encontrei o projeto HTML5 UP, disponível em <http://html5up.net>, que disponibiliza layouts de sites customizáveis, gratuitos e registrados no Creative Commons. Felizmente, um dos templates disponíveis era o que tinha em mente para o webdocumentário, e trabalhei sempre em cima do código gratuito, por meio do editor Sublime Text, apenas inserindo o conteúdo, modificando alguns detalhes e adicionando as páginas necessárias.

O conteúdo em vídeo, parte mais pesada, foi todo hospedado na plataforma gratuita YouTube. Conseguimos um domínio e hospedagem simples por \$8 dólares, aproximadamente R\$20. No fim, gastei menos do que imaginava com o site, e trabalhar com ele foi uma das partes mais prazerosas de todo o projeto.

5.3.1. Definição das seções

Optei dividir o site em três “capítulos”: *A cidade*, *As barreiras* e *As memórias*, partindo do macro, Fronteiras como município, para o micro, as recordações dos fronteirenses. A primeira, introdutória, oferece informações contextuais acerca da cidade, como a localização geográfica, os processos de fundação e povoamento, e começa também a introduzir os personagens que compõem o webdocumentário, explicitando qual a relação deles com a cidade no passado e atualmente. Essa questão irá se repetir em todas as outras partes, com os outros entrevistados, e de maneiras diversas.

Na segunda parte, *As barreiras*, são mostradas informações mais específicas. A seca, tão comum no interior do Nordeste, a construção do Açude Barreiras pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), na década de 1960 e a

implantação da fábrica de cimento Itapissuma S.A., nos anos 2000, são os três eixos desse capítulo. Por meio deles, pretendi mostrar um pouco da natureza do semi-árido piauiense, da forma como os sertanejos veem e lidam com a seca e como o progresso atingiu a região, para o bem ou para o mal.

Já o capítulo final, *As memórias*, é inteiramente dedicado às pessoas que entrevistei. Nela, os personagens dividem conosco as histórias de infância, as lembranças favoritas da cidade, “causos”, poemas e fotografias. Também dividido internamente, em três vídeos, esse é o momento em que a relação das pessoas com as fotografias de família é explicitada e em que a cidade deixa de ser tema central dos depoimentos.

Em todas as galerias presentes nos três capítulos, cada uma com seis fotos, tentei mostrar a cidade como uma casa vazia e com vida própria, em contraste à série de depoimentos apresentados em vídeo. O foco em portas, janelas, farpas e espinhos, inconsciente na ação de registrar, ficou claro quando realizei a primeira triagem do material fotográfico, e resolvi seguir com a opção estética. A ordem dos capítulos segue essa lógica, como o caminho da Malhada, fazenda onde minha família nasceu e cresceu (onde foi tirada a foto da abertura e foram gravados alguns vídeos da paisagem): ultrapassada a barreira natural, os espinhos, e a barreira artificial, a cerca de arame farpado, encontra-se o homem.

6 CONSIDERAÇÕES

A cada texto novo encontrado, a cada reunião com a orientadora ou até mesmo a cada vez que eu me pegava refletindo sobre a passagem do tempo, novas ideias surgiram para o webdocumentário. Como memória não é exatamente um assunto novo, a quantidade de referências teóricas e imagéticas é gigantesca, e por muitas vezes temi me perder no que gostaria de transmitir com o trabalho.

O receio da generalização, do estereótipo e da pouca profundidade contribuiu para que a análise de entrevistas e fotografia fosse mais profunda, além da montagem: acima de tudo, as pessoas se preocupam em preservar a memória do local, mesmo que seja em âmbito pessoal, lembrando histórias do passado e as repassando para os mais jovens, tal qual álbuns de fotografia. Fatos da infância, por exemplo, podem ser relacionados a alguma transformação na cidade, o que ajuda a montar a história de um local memória por memória. Com espaço e tempo reduzidos, não pude falar com todos os personagens que poderia e talvez não tenha comunicado tudo que desejava quando idealizei o trabalho, mas sinto que esse esforço foi latente durante todas as fases de produção. Mesmo com o medo de trabalhar colhendo informações de um local distante, ao qual eu não poderia retornar para captar mais material; de utilizar ferramentas como HTML e CSS, das qual não tenho conhecimento pleno; e de fazer um produto audiovisual, audácia que não tive durante todo o curso, segui adiante devido ao apego que desenvolvi com o projeto, que sempre pensei como algo além de um trabalho de conclusão de curso.

Produzir algo que não apenas fechasse meu ciclo na graduação, mas satisfizesse a vontade de trabalhar com história, fotografia e Internet, foi a principal motivação para o webdocumentário. Acredito que o produto consegue representar a ideia central do projeto diante da complexidade desses desafios aceitos durante o ano. Agora, vejo que minha experiência como migrante está presente em todos os pontos. Que o projeto seja, mesmo pequeno, mais um canal para falarmos com sotaque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2008.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TOMAIM, Cassio dos Santos. O documentário como chave para a nossa memória afetiva. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Brasil, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/259/252>. Acesso em: 20 Out. 2014.

FILMOGRAFIA

- Câmara viajante*. Direção: Joe Pimentel. Produção: Trio Filmes. Brasil, 2007. Cor. 20 minutos.